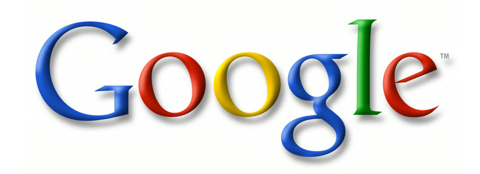
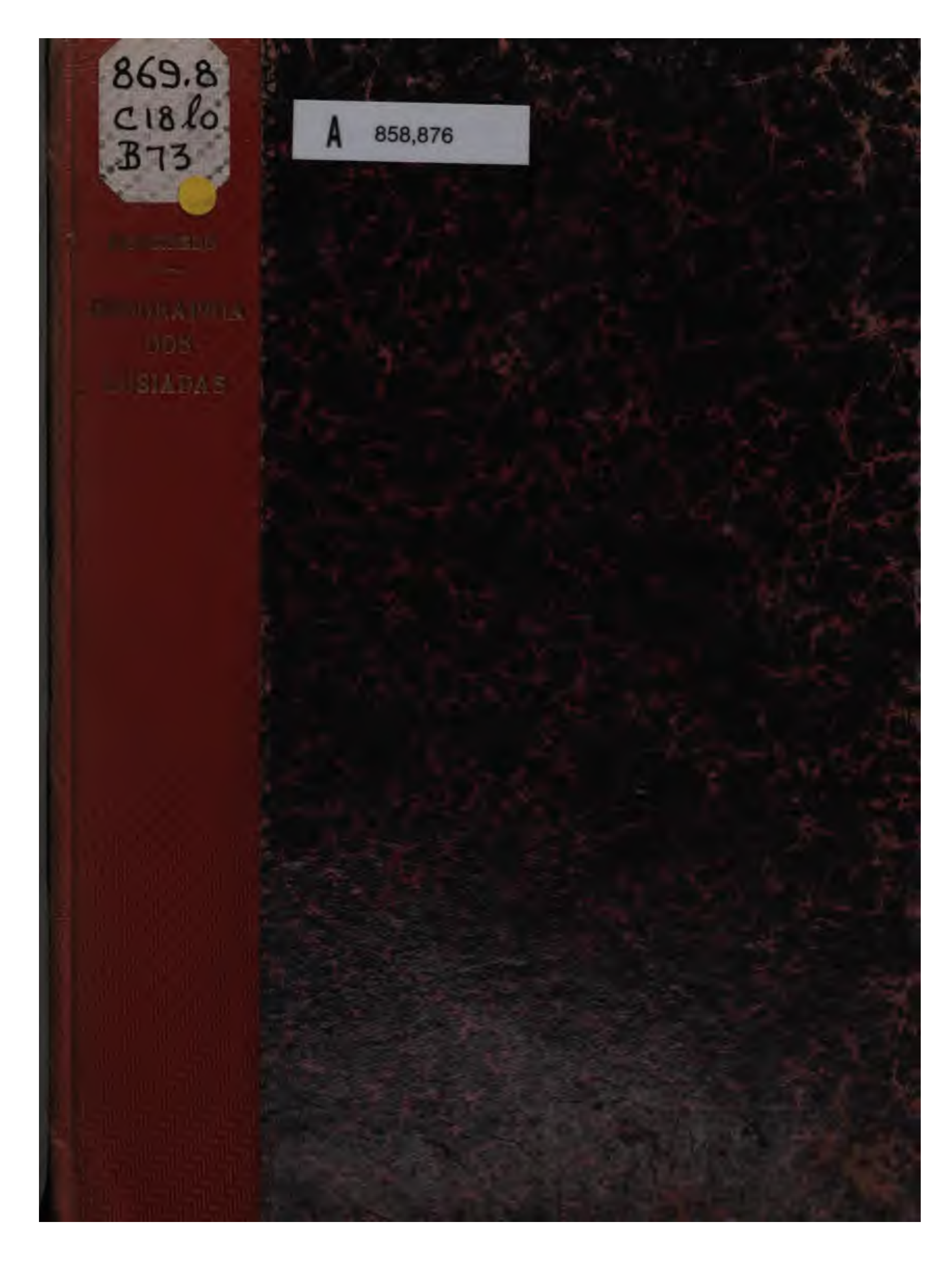



869.8
C18lo
B73
A 858,876
DOS



# A GEOGRAPHIA

DOS

# LUSIADAS

DE

## LUIS DE CAMÕES

POR

A. C. BORGES DE FIGUEIREDO

SOCIO EFFECTIVO
DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA

LISBOA
TYPOGRAPHIA DE ADOLPHO, MODESTO & C.ª
39, CALÇADA DO TIJOLO, 39
1883

A GEOGRAPHIA

DOS

# LUSIADAS

TIRAGEM ESPECIAL:

20 EXEMPLARES EM PAPEL WHATMAN RUBRICADOS
PELO AUCTOR

# A GEOGRAPHIA

DOS

# LUSIADAS

DE

## LUIS DE CAMÕES

POR


A. C. BORGES DE FIGUEIREDO

SOCIO EFFECTIVO
DA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA


---


LISBOA
TYPOGRAPHIA DE ADOLPHO, MODESTO & C.ª
39, CALÇADA DO TIJOLO, 39
1883

AO ILL.$^{mo}$ E EX.$^{mo}$ SR.

# JOÃO CHRISOSTOMO MELICIO

EM TESTIMUNHO DE CONSTANTE AMIZADE
E GRATIDÃO

*D.*

O AUCTOR

# ADVERTENCIA

Havendo-se tanto escripto ácerca do Camões e dos «Lusiadas», ainda, que eu tenha d'ella noticia, não appareceu obra especial que considerasse o magnifico poema e o altissimo poeta sob o poncto de vista geographico.

É pois o fim d'este ensaio (que tenciono desinvolver) apresentar o quadro completo da geographia da grande epopéa, mostrando a vastidão dos conhecimentos do Camões n'uma sciencia tão complexa.

Na minha *Carta da Geographia dos «Lusiadas»* incluí eu não só os nomes geographicos que se encontram no poema, senão tambem aquelles a que o grande epico se refere, junctando-lhes os seus correspondentes na moderna geographia.

Dou no fim d'este livro a lista de todos esses no-

mes, com a indicação do canto e da estancia onde cada um deve ser procurado; cumprindo advertir, pelo que respeita aos nomes que mais d'uma vez apparecem no poema, que só vae indicado um dos logares onde se encontra, sendo d'ordinario o mais notavel.

Formando este ensaio como que um texto elucidativo da *Carta*, julgo conveniente transcrever aqui o parecer com que ella foi honrada pela Academia Real das Sciencias de Lisboa:

Senhores — Em breves linhas resumirei o parecer que tenho de dar a respeito do mappa submettido ao nosso exame. Encerra elle a geographia dos Lusiadas, e vem por conseguinte preencher uma lacuna sensivel. É a presença d'este mappa um complemento indispensavel da leitura do nosso poema nacional. Segue-se n'elle o roteiro da viagem, que constitue a principal acção do poema, e no mappa acompanhamos depois os nossos descobridores e guerreiros no seu percurso triumphal. Não pára ahi o trabalho do snr. Borges de Figueiredo, author do mappa, mas indica a posição de todos os paizes e accidentes geographicos, a que o nosso grande poeta se refere, ainda que muito accidentalmente; marcando com tintas de duas côres os nomes que o poeta lhes dá e que são muitas vezes os da geographia classica, e os nomes que lhes correspondem na geographia moderna. Este trabalho é feito conscienciosissimamente e á custa de sérias e cuidadosas investigações. A exacção dos resultados a que chega parece-me incontestavel, e basta isso para que a classe perceba que a obra é de altissima utilidade, porque ninguem contestará que é este um dos mais bellos monumentos que se podem levantar ao author dos Lusiadas e á gloria do nos-

so paiz; mostrando os vastos e precisos conhecimentos geographicos de Camões, e os serviços que prestámos á civilisação; porque a geographia dos Lusiadas, quer dizer a geographia tal como a legaram aos descobridores estrangeiros, que nos seculos XVII, XVIII e XIX percorreram os mares, é, com pouca differença, a geographia moderna. A grande colheita fizemol-a nós; os estrangeiros foram os respigadores. A divulgação d'esta obra por meio da gravura será por conseguinte um verdadeiro serviço prestado ao paiz, á historia e á litteratura nacional, e a classe honra-se recommendando-a ao governo.—Lisboa, 10 de maio de 1883.—Manuel Pinheiro Chagas.

Está conforme. Secretaria da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 12 de maio de 1883. O official da Secretaria, Ramalho Ortigão.

Foi n'este parecer que se baseou o despacho de S. Ex.ª o Ministro do Reino que mandou gravar e dar á estampa a carta na Imprensa Nacional de Lisboa.

A S. Ex.ª e á Academia Real das Sciencias agradeço as distincções que me conferiram.

14 de Outubro de 1883.

# I

## O HORIZONTE GEOGRAPHICO AO TEMPO DO CAMÕES

Nem me falta na vida honesto estudo
Com longa experiencia misturado,
Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas que juntas se acham raramente.

CAMÕES, *Lusiadas*, X, 154.

... esta pequena casa Lusitana
De Africa tem maritimos assentos;
É na Asia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E, se mais mundo houvera, lá chegára.

*Lusiadas*, VII, 14.

Os «Lusiadas», a magnifica epopêa das emprezas grandes e assignaladas dos portuguezes, do admiravel descobrimento dos *mares nunca d'antes navegados*, da assombrosa fundação do nosso emporio nas partes do Oriente, essa epopêa unica, como é unico o feito heroico de Vasco da Gama, os «Lusiadas» são a expressão mais perfeita da imaginação e do saber na epocha do Renascimento. A admiração e o louvor universaes collocaram o pantheon de nossas glorias á frente de todos os poemas epicos, como aquelle onde se encontra, em mais subido grau, a originalidade, a alteza do assumpto, a invenção vigorosa, a belleza dos episodios, a fluidez e opulencia da linguagem, tudo quanto se póde exigir n'uma obra de tal natureza.

Todos os conhecimentos, toda a sciencia do seu tempo foi pelo Camões compendiada na sua obra immorredora. Da historia e da mythologia, das litteraturas antigas e suas coevas, da philosophia e da theologia, da complexa sciencia geographica, de tudo tinha o grande poeta conhecimento; não querendo isto de modo algum dizer que em toda a sciencia elle descesse ao exame das minuciosidades, cujo estudo compete ao especialista; mas sim que possuia as noções geraes e seguras d'esses ramos do saber humano.

Os factos são por elle narrados com precisão e critica; a mythologia maneada com fino tacto; na flora e mesmo na fauna das diversas regiões não emprega um só epitheto que não seja o caracteristico da planta ou do animal; ao lermos a descripção d'uma tempestade, d'uma tromba, parece-nos assistir ao proprio espectaculo; na cosmographia apresenta-nos o systema geralmente acceito de seus dias; na geographia physica, como que estende ante nossos olhos o mappa-mundi de Ortelius, ou desinvolve o planispherio de Mercator.

Familiarisado com todos os geographos antigos,

> ... Ptolemeu, Pomponio, Estrabo,
> Plinio, e quantos passaram;

conhecedor dos trabalhos feitos na edade media, e das obras importantes dos sabios geographos do seu tempo, aproveitando todas as noticias que poude colher durante as suas longas viagens, o Camões achava-se em condições excellentes para em seu immortal poema dar o maior desinvolvi-

mento, compativel com a indole da obra, á descripção da terra; descripção de nenhum modo fria e monotona, e porventura imperfeita, como a de um tratado; mas descripção geographica amena, cheia de vida, frequentemente comparada, e sempre de uma notavel exactidão.

Mas como poderia elle deixar de assim fazer, se a geographia occupa um grande, um magnifico logar nas paginas d'oiro da nossa historia heroica?

Quasi se póde dizer terem começado com a portugueza monarchia as explorações maritimas d'aquelles que deviam mais tarde ser os senhores do mar, fazendo em toda a parte temer e acatar o pendão das quinas, e deixando em todas as regiões a sua linguagem.

Já em 1341, e no primeiro dia de julho, saía de Lisboa uma expedição em demanda das ilhas Afortunadas (Canarias), d'onde voltou em novembro do mesmo anno, conduzindo a seu bordo quatro indigenas e alguns productos. Nos *Annales ecclaesiastici* de Reynaldo vem uma carta do bravo e duro Affonso IV de Portugal, dirigida ao papa Clemente VI, onde se lê, ácerca das mesmas ilhas: «gentes nostras et naves aliquas insulas accedentes tam homines quam animalia et res alias per violentiam occuparunt, et ad nostra regna cum ingenti gaudio apportarunt».

Mais tarde, porèm, é que as expedições èconomicas tiveram desinvolvimento, sendo animadas e dirigidas pelo infante D. Henrique, o navegador, um dos mais constantes e illustres promotores dos estudos e descobertas geographicas, e a quem cabe

a gloria indisputavel de ter sido o fundador da nossa grandeza politica e da nossa grandeza commercial.

Depois da expedição de Ceuta em 1415, começaram as por elle organisadas no intuito de reconhecer as costas africanas e descobrir novas terras e novos mares. Em 1418, Zarco e Tristão Vaz se fizeram ao mar com ordem de passar o cabo Bojador; mas não lograram seu intento, por terem sido arrojados por uma tempestade á ilha que nomearam Porto Santo, d'onde regressaram a Sagres. No anno immediato tomaram directamente o caminho da mesma ilha e viram a Madeira, de cuja descoberta indevidamente se gloriaram; mas nenhum resultado, verdadeiramente importante para a historia das nossas descobertas, ainda poude colher-se d'esta viagem.

Foi em 1433 que alèm do Bojador passaram as nossas naus, tendo a honra d'este facto um ousado marinheiro de nome Gil Eannes; o qual, depois de ter vindo annunciar ao infante o successo, chegou no anno seguinte ao rio do Oiro. Seguiu-se a expedição de Nuno Tristão, que em 1443 dobrou o Cabo Branco, e mais tarde (1446) a que chegou ao Cabo Verde, á ponta mais occidental da Africa. Vem depois a descoberta da embocadura do Rio Grande em 1447 pelo mesmo navegante; e, no anno immediato, a expedição que se approximou de Serra Leoa e era capitaneada por Alvaro Fernandes. E, volvidos annos e outras viagens executadas,—como as do veneziano Ca-da-Mosto, em 1455 e 1456, e as dos dois companheiros Pedro de

Cintra e Sueiro da Costa, que chegaram ao cabo Mesurado, — quasi ao mesmo tempo que o continente americano era descoberto por Christovão Colombo, vem-nos as expedições de João de Santarem e Diogo Cão; apparece-nos Bartholomeu Dias e João Infante; e, como estes houvessem chegado á ponta meridional do continente negro, quer D. João II, que o Tormentorio cabo, que abria o caminho do Oriente, se chame da Boa Esperança, nome que tem conservado e conservará, a despeito das extranhas malevolencias e do orgulho de seus poderosos possuidores.

A imposição d'aquelle nome, era o presentimento, a prophecia da grande e memoravel empreza de Vasco da Gama, sulcando os mares que outrem jámais cortára, e a de Affonso d'Albuquerque, lançando os fundamentos da dominação portugueza no Oriente, em cujo «admiravel espectaculo ha o quer que seja de assombroso e ao mesmo tempo de cavalheiresco, unico na historia». [1]

Váe-se depois alargando successivamente o perimetro das explorações portuguezas. Depois da de Vasco da Gama, de que ao diante tractaremos, vem a grande expedição de Pedr'Alvares Cabral na costa oriental africana até ao equador, cujo reconhecimento é completado, desde aquelle limite até ao Cabo Guardafui e á proxima ilha de Socotorá, em 1506, por Tristão da Cunha, que fizera a hydrographia da ilha de S. Lourenço (Madagascar), a grande ilha da Africa e uma das maiores do mundo.

[1] *Sr. Vivien de Saint-Martin,* Histoire de la géographie, pag. 341

Affonso d'Albuquerque faz o reconhecimento do Golpho Persico, e depois o da costa do Mar Vermelho: e, tendo Lopes de Sequeira chegado até Malaca em 1509, o proprio Albuquerque conduz contra ella uma expedição, em 1511, e toma d'assalto a cidade da Chersoneso Aurea.

«A posse de Malakka», diz o illustre geographo francez Vivien de Saint-Martin, «abre uma nova era na historia politica e commercial, bem como na historia geographica do Oriente... Os navios portuguezes irradiam d'alli em todas as direcções, para o sul e levante, como para o nord-este e norte, ao travez dos innumeraveis archipelagos das ilhas de especiarias, onde elles inteiramente supplantaram os Arabes, e para os portos da costa da China. O levantamento das costas de Sumatra e Java é executado; as ilhas da Sonda e as Philippinas visitadas e parcialmente exploradas. Faz-se no começo de 1512 uma viagem ás Molucas. Arriba-se pela primeira vez ao porto de Cantão em 1516, e quatro annos depois os portuguezes tinham enviados em Peking. O grupo das ilhas de Lieú-Khieú, entre Formosa e o Japão, foi visto em 1518, ainda que tivessem de decorrer vinte e quatro annos antes de chegar ao Japão algum navio portuguez. São visitadas algumas partes das costas de Bornéo em 1523, a ilha de Célébes em 1525, o noroeste da Nova-Guiné em 1527. Pelo mesmo tempo, em 1520, o rei Manuel de Portugal enviava ao da Abyssinia uma embaixada...» [1]

[1] *Sr. Vivien de Saint-Martin*, op. cit. pag. 343 a 344.

Volvendo agora as vistas para o occidente, vemos em 1500 a descoberta de Cabral, e a do infeliz Gaspar Corte Real que chegou á Terra de Labrador e reconheceu a passagem hoje chamada Estreito d'Hudson, á qual elle déra o nome de Estreito de Anian. Finalmente, vemos ainda, em 1519, um arrojado navegador portuguez,

> O Magalhães, no feito com verdade
> Portuguez,

costear a terra de Santa Cruz, e, depois de tocar na bahia do Rio de Janeiro e no Rio da Prata, ir alèm do estreito que conserva o seu nome sulcar esse oceano enorme que se estende entre a America e as costas orientaes da Asia, e cuja largura é maior que uma semi-circumferencia do globo.

Á primeira circumnavegação da *terra* ficava ainda ligado o nome portuguez.

Ao passo que estas e outras muitas explorações teem logar, e em consequencia d'ellas, começára a libertar-se a sciencia das embaraçosas redes tradicionaes, e a avolumar-se, engrandecer-se; e Portugal naturalmente se tornou um dos centros scientificos mais importantes, e na geographia o principal, como o logar onde mais abundavam as noticias maravilhosas das longinquas regiões recentemente descobertas.

O illustre *navegador,* esse homem tão infatigavel no estudo, como enthusiasta pelas emprezas arrojadas, esse infante portuguez que não pode deixar de ser considerado como um dos mais perfeitos typos dos heroes da civilisação, que tomára por di-

visa as palavras *Talent de bien faire,* para de certo testimunhar que suas obras miravam principalmente ao bem da humanidade, D. Henrique tinha estabelecido correspondencia com os principaes sabios estrangeiros; apurára o que havia de verdadeiro nas muito vagas noções que a antiguidade nos legou nos periplos de Hannon, de Scylax, e de Eudoxio de Cysica, e nas obras de Herodoto, Possidonio e Strabão, como nas de Pausanias, Plinio e Ptolemeu; estudára egualmente as relações de Marco Polo, de Haitun, e de Mandeville, a *Imago Mundi* do cardeal Pedro d'Ailly, e o mappa do célebre Fra Mauro n'uma copia feita pelo proprio auctor; finalmente transformára a sua habitação do promontorio de Sagres n'uma academia onde, durante cêrca de quarenta e oito annos, appareceram os mais notaveis cosmographos e os mais peritos mareantes.

Toscanelli tinha-se carteado com o rei Affonso V; Martin Behain, como muitos outros estrângeiros, viera tomar parte nas nossas expedições, onde colhêra os dados para a composição do seu celebre globo: em summa Portugal tornára-se o ponto de convergencia das attenções dos homens illustres na sciencia cosmographica ou na arte da navegação, vindo alguns fixar a sua residencia na patria de Vasco da Gama, como Christovão Colombo e Americo Vespucio, abrindo outras relações com os nossos sabios e navegadores, como Ramusio e Ludovico de Barthema.

Assim, o Camões, que tinha a dizer dos mais intrepidos nautas do seu tempo na epocha das nos-

sas descobertas (como os proclama Peschel), que vivia n'um meio intellectual notavelmente vasto, e que possuia incontestavelmente, como já dissemos, um conhecimento geral e exacto do saber d'então, o Camões, que pretendia não cantar um só feito memoravel — que mais alto mirava o amor que tinha á patria, e para maior empreza o arrebatava o seu genio extraordinario, — mas cantar

As Armas e os Barões assignalados,
Que da occidental praia Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ....................
E aquelles, que por obras valerosas,

— valerosas, que não só valorosas — se libertaram da lei da morte, o Camões, dizemos, tinha necessariamente de compendiar, em seu magnifico poema, todos ou o maior numero dos dados geographicos, que no seu tempo se possuiam; pois que o theatro dos *feitos da famosa gente*,

A quem Neptuno e Marte obedeceram,

se não limitava a uma região, nem mesmo a um hemispherio: esse theatro era o mundo.

## II

## O SYSTEMA COSMOGRAPHICO EMPREGADO PELO CAMÕES

> **Vês aqui a grande machina do mundo,**
> **Etherea, e elemental, que fabricada**
> **Assi foi do saber alto e profundo,**
> **Que é sem principio e meta limitada.**
> **Quem cérca em derredor este rotundo**
> **Globo e sua superficie tão limada,**
> **É Deus: mas o que é Deus ninguem o entende:**
> **Que a tanto o engenho humano não se estende.**
>
> ***Lusiadas*, x, 80.**

Tendo a apresentar o quadro physico do globo, o Camões reconheceu que elle ficaria incompleto, ou, a dizer melhor, sem base, a faltar-lhe a noção prévia do systema cosmographico. E assim, começou a formosissima exposição de Tethys, no canto x, pela descripção da esphera, segundo Ptolemeu.

Sendo tão vastos os conhecimentos do Camões, e tão seguro e profundo o seu espirito, não é provavel que elle deixasse de acompanhar n'algum ramo o movimento scientifico do seu tempo, quando não profundando-o, ao menos estudando-lhe as generalidades. E por isso, á primeira vista, parece que elle se afferrou muito á cosmographia de Ptolemeu, desprezando a theoria de Koperniko. Effecti-

vamente, tendo os «Lusiadas» sido publicados em 1572, e havendo saido á luz vinte e nove annos antes a obra do immortal polaco, *De orbium coelestium revolutionibus*, da qual em 1556 se tirou segunda edição, ha toda a probabilidade de ter o Camões tido conhecimento d'ella. Alèm d'isso, póde dizer-se que, dado o caso de ser-lhe desconhecida a obra de Koperniko, não lh'o eram de certo os trabalhos de Archytas de Tarento, do syracusano Nicétas, de Aristarco de Samos e de Hypparco de Nicéa, entre os antigos, e as opiniões do célebre cardeal de Cusa (Krebs), no seculo XV [1], os quaes todos sustentaram o movimento da terra em volta do sol.

Mas, nem o Camões era astronomo, nem o *Almagesto* [2] ainda deixára de ser geralmente considerado como o evangelho da astronomia.

A egreja dos papas não podia de modo algum acceitar, nem mesmo tolerar, um systema que ia de encontro ás doutrinas biblicas, do que resultou serem postas no *index* as obras de Koperniko em 5 de março de 1616, o ser encarcerado Galileu e coagido a renegar e amaldiçoar o movimento da terra, e ser Giordano Bruno queimado vivo em Roma no anno que completou o decimo sexto seculo.

Pela mesma razão, Bacon e Descartes tambem

---

[1] A primeira edição das obras do cardeal de Cuza é de 1514 (Paris); a segunda saiu em Bâle, em 1565.

[2] Do titulo Μεγιστὴ Σύνταξις (composição maxima) da obra de Ptolemeu, formaram os Arabes o nome de *Al-Maghesto*, junctando o artigo *al* á primeira das palavras gregas alterada.

entraram no *index,* por ella ainda foi Thomas Campanella exilado, e encarcerado o célebre jesuita Fabri que disséra que: demonstrado o movimento da Terra, devia a Egreja interpretar em sentido figurado as passagens da Escriptura que lhe são contrarias.

Felizmente, hoje, a sciencia está completamente liberta das influencias religiosas; ella se eleva para maior gloria de Deus. Os povos não são já algemados á palavra impia dos que praticam os maiores crimes em nome da divindade. A sciencia derrama a sua luz magnifica por toda a parte, e a sua voz potente faz calar os hypocritas que ainda pretendem, com fingida santidade, dominar os espiritos para levar a effeito seus fins tenebrosos e infames. Esses tartufos sempre amesquinharam e insultaram a Deus; é a sciencia que o reconhece infinito, é a sciencia que celebra perennemente os louvores do SER INCREADO.

Mas proseguindo, sendo pois o systema do cosmographo de Alexandria aquelle que dominava; sendo elle consagrado pela sua antiguidade, pela acceitação geral, e ao mesmo passo pelas determinações da egreja catholica, é naturalissimo que o Camões o preferisse.

Posto isto, vejamos a exactidão do nosso grande poeta ao descrever o systema cosmographico de Ptolemeu.

Na estancia 79, do canto decimo, Tethys, mostrando ao Gama um globo transparente que se libra nos ares, e á vista do qual o *forte capitão* se sente commovido e ardendo em desejos de lhe conhecer

a significação, diz-lhe ser (releve-se-nos a repetição da epigraphe):

... a grande machina do mundo,
Etherea, e elemental, que fabricada
Assi foi do saber alto e profundo,
Que é sem principio e méta limitada.
Quem cérca em derredor este rotundo
Globo e sua superficie tão limada,
É Deus: mas o que é Deus ninguem o entende:
Que a tanto o engenho humano não se estende.

Esse globo é feito de materia desconhecida, mas o que bem se conhece é que vários orbes o compõem, creados por Deus, que os cérca, e em cujo centro está a terra: e, quer elle se eleve ou abaixe, nunca se desloca, nem deixa de conservar a uniformidade da sua superficie.

Tethys aponta primeiro ao Gama o empyreo, o

... orbe, que primeiro vai cercando
Os outros mais pequenos que em si tem;
Que está com luz tão clara radiando
Que a vista céga, e a mente vil tambem;

o Céo immovel, onde se acham as almas puras dos bemaventurados: em seguida, indica-lhe o primeiro mobil, que

... corre tão leve e tão ligeiro
Que não se enxerga:

e logo faz menção do lento volver do crystallino, de que faziam proceder a precessão dos equinoxios.

Immediatamente áquelle, de conformidade com

o systema adoptado, designa a deusa o firmamento e o zodiaco na estancia 87:

Ólha est'outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda e radiantes,
Que tambem n'elle tem curso ordenado,
E nos seus axes corre scintillantes:
Bem vês como se veste e faz ornado
C'o largo cinto d'ouro, que estrellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.

É esta estancia admiravel pela precisão com que o poeta nos descreve o zodiaco com as suas doze constellações, que conservam a mesma ordem no gyro da esphera, e as quaes se imaginou representar por animaes e serem as doze estações do sol; fazendo acudir logo á memoria o celebre distico:

Sunt Aries, Taurus, Gemini, Cancer, Leo, Virgo,
Libraque, Scorpius, Arcitenens, Caper, Amphora, Pisces.

Proseguindo a formosa exposição, não olvida Tethys as outras notaveis constellações, que nomeia na oitava immediata: a Carreta ou Grande-Ursa, a Cynosura ou Ursa-pequena, Andromeda e seu páe (Cephéu), o Dragão, a Cassiopêa e o Orionte, e ainda

... o Cysne morrendo que suspira,
A Lebre, os Cães, a Náu, e a doce Lyra.

Succedem ao firmamento os céos dos planetas: vem primeiro o do antigo Saturno, logo o de Jupiter, e em terceiro logar o do bellico Marte: chega por sua vez o *claro olho do céo,* o Sol, que do quarto

assento nos envia a sua luz vivificante; e successivamente se apresentam depois a deusa da formosura, o deus dos negociantes e dos ladrões, e a deusa da caça, a Trivia:

... Venus, que os amores traz comsigo;
Mercurio, de eloquencia soberana:
Com tres rostos debaixo váe Diana.

E não só com a enumeração dos planetas se contentou o poeta; antes, para que não fallecesse noção dos movimentos d'elles, accrescenta-na estancia que se segue:

Em todos estes orbes differente
Curso verás, n'uns grave e n'outros leve;
Ora fogem do centro largamente,
Ora da terra estão caminho breve:

onde se refere tão bem aos *excentricos* e *epiciculos*; esses dois notaveis meios que Ptolemeu combina para explicar os gyros das espheras, sem violar o principio dos movimentos circulares e das velocidades constantes.

Finalmente, na mesma oitava e fazendo a transição das espheras celestes para o globo terraqueo (pelo que d'isto fallamos n'este logar), ennuncia o poeta ainda, e por sua ordem, os quatro suppostos elementos que a sciencia d'aquelle tempo admittia: o *fogo*, e o *ar*, que

... tem c'o mar a terra por seu centro

Esta exactissima descripção cosmographica, tanto mais notavel, quanto mais difficil era a enumeração

ordenada dos corpos celestes sem descair na vulgaridade e no prosaismo, esta exposição mostra claramente não só que o nosso immortal cantor conhecia perfeitamente a geographia astronomica seguida na sua edade, mas tambem que o seu genio poetico era tão extraordinario, que a qualquer assumpto, por mais árido que fosse, elle sabia dar vida e colorido inexcedivel.

E, sendo isto incontestavel, é muito para lastimar que o systema preferido não fosse o de Koperniko, tão racional e grandioso: pois as magnificencias, que o verdadeiro systema do mundo nos revela, redobrariam a inspiração do grande poeta, e tornariam por consequencia mais bella ainda a sua obra immortal.

## III

## A GEOGRAPHIA POLITICA E PHYSICO-HISTORICA DOS «LUSIADAS»

> Verás as várias partes, que os insanos
> Mares dividem, onde se aposentam
> Várias nações...
>
> *Lusiadas*, x, 91.

Comquanto se encontrem dispersas por todo o poema as noticias geographicas, é todavia no terceiro canto, no começo da narração de Vasco da Gama ao rei de Melinde, e na admiravel exposição feita por Tethys no canto decimo, que maior cópia de noções nos apresenta o cantor dos lusiadas.

N'uma e n'outra, mas principalmente na primeira, abundam os dados da geographia politica; e n'elles se nota a mesma exactidão que nas outras noticias nos dá. Alèm d'isso, como sem methodo ficaria confusa a descripção, é pelos limites da região de que vae tractar, que o Gama enceta a revisão dos paizes e das potencias européas, aonde as reminiscencias historicas e as allusões mythologicas não faltam.

Eis o começo da descripção (c. III, est. 6 e 7):

Entre a Zona que o Cancro senhoreia,
Meta Septentrional do sol luzente.
E aquella, que por fria se arreceia
Tanto, como a do meio-por ardente,
Jaz a soberba Europa ; a quem rodeia
Pela parte do Arcturo e do Occidente
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral, o mar Mediterrano.

Da parte d'onde o dia vem nascendo
Com Asia se avisinha : mas o rio
Que dos montes Rhipheios vae correndo
Na alagôa Meotis, curvo e frio,
As divide, e o mar, que fero e horrendo
Viu dos Gregos o irado senhorio ;
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.

Conforme a opinião dos antigos, alli figura, como divisão das duas partes principaes do continente por elles conhecido, o Don que erradamente se fez descer dos montes Rhipheios, montes que o Camões, como outros escriptores, identifica com o Waldai: e, ainda limitando a Europa, alli tem logar o mar Negro e o Egeu, parecendo-nos que a ambos, e porventura tambem ao de Marmara, se refere o poeta.

Continuando a narração, falla-nos dos montes Hyperboreos, que sem duvida correspondiam á parte montanhosa situada ao noroeste dos Uraes, julgando nós que a estes se refere o Camões quando menciona, em seguida aos primeiros,

... aquelles onde sempre sopra Eolo :

e não se esquece, na mesma estancia, de nos fallar dos gêlos dos mares boreaes, e das neves eter-

nas, dando a essas regiões como antigos habitadores os Scythas.

Proseguindo, como que nos mostra a dedo a Lapponia, a Noruega, e a Escandinavia, a que conservou a designação de ilha; mostra-nos o Baltico, sob o seu antigo nome de Oceano Sarmatico; e entre este mar e o Don, colloca os Livonios, os Moscos e os Ruthenos, os Saxões, os Bohemios e os Pannonios, sem se esquecer que alli ha a montanha Hercyna (o Erz-Gebirge), aonde os Marcomanos são Polonios; e finalmente allude a outras nações, ás quaes, em sua expressão, lavam os rios allemães, Ems, Elba, Rheno e Danubio.

Sempre elegante na fórma, e exacto na situação das regiões, assigna-nos, na oitava que se segue, a bellicosa Thracia, entre o ultimo dos rios que nomeámos, e os Dardanellos,

> ... o claro estreito
> Aonde Helle deixou c'o nome a vida:

e não lhe escapa o relevo orographico, pois nos menciona logo o Hemo (Balkans) e o Rhodope (Despoto-Dagh), indicando-nos como possuidor d'essas montanhas o imperio do crescente, que conserva por capital a antiga Byzancio.

D'ahi passa em revista os povos que no caminho do occidente se deparam: veem os Macedonios, em cujo paiz corre o Axio, o moderno Vardar; veem as nações hellenicas, a Grecia, clara pelos costumes, engenhos e ousadia, pela eloquencia e pelos *juizos d'alta phantasia*, a patria de Domosthenes, Pindaro, e Platão, de Meton, de Themistocles e de Phidias;

vem a Dalmacia; vem a cidade de Antenor, Padua; e a soberba Veneza, que *tão baixa começou* e que se assenta poderosa no meio das aguas do Adriatico.

Por ordem natural, logo nos falla d'esse braço de terra,

Braço forte de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada;

a Italia, cercada pelas aguas do Mediterraneo, defendida pelos Alpes, e dividida longitudinalmente pelos Apenninos; a Italia, que já tem perdido o esforço e a arte da guerra, e está pobre do antigo poder, desde que Roma se tornou a cidade papal.

Depois da patria de Cesar, o theatro de seus grandes triumphos, a patria de Celtil-Vercingetorix, a Gallia, a França regada pelo Sena, Rheno, Rhodano e Garonna: e logo os Pyrenneus,

... os montes da nympha sepultada
Pyrenne se levantam, que segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios d'ouro, e de prata então correram.

Finalmente é da peninsula hispanica, nobre e ousada, que nos falla o poeta, como cabeça de toda a Europa; comparação esta que nos traz á lembrança uma curiosidade geographica: essa antiga carta onde a Europa é representada sob a figura d'um imperador (com a maior probabilidade Carlos V), cuja cabeça coroada fórma a Hispanha, o braço direito e o globo a Italia e a Sicilia, o braço esquerdo a Dinamarca, e uma bandeirinha do sceptro a Gran-Bretanha: compõe o resto da Europa o corpo coberto de veste ou manto.

Na estancia 18 e nas que se lhe seguem continúa o poeta a fallar da nossa Hesperia que entesta com a Tingitania, parecendo querer fechar o estreito célebre pelo deus da força; peninsula que contêm differentes nações, cercadas pelo oceano, e todas egualmente nobres e valorosas: a Navarra, as Asturias, a Galliza, Castella, Leão, Granada, em fim, como cume da cabeça da Europa,

> ... o reino Lusitano,
> Onde a terra se acaba e o mar começa,
> E onde Phebo repousa no Oceano.

Se não ha em poema algum, nem mesmo na Iliada, uma descripção geographica que possa a esta comparar-se; ha nos «Lusiadas» outra que, em nossa opinião, se lhe avantaja: é a que Tethys faz ao Gama na Ilha dos Amores.

Esse quadro é muito mais vasto; são todos os continentes, todos os mares, todas as ilhas, que vamos percorrendo; são todos os povos, de cujos costumes nos dá noticia; são todas as regiões onde os portuguezes se assignalaram.

Antes, porèm, de analysar essa exposição magnifica, parece-nos convir o apontar aqui alguns dados geographicos que o poeta espalhou pelo poema, já reclamados pelas referencias historicas, já requeridos por mythologicas applicações.

Na Grecia, memóra os campos célebres de Philippes, e de Actium, e o desfiladeiro das Thermopilas (hoje *Bocca-di-Lupo*) tão famoso pelo feito de Leonidas com os seus trezentos spartanos; Salamina, onde a frota de Xerxes foi derrotada, e Mara-

thona notavel pela victoria de Milciades. Relembra a Pheacia (Corfú) e a Ithaca (Theaki); Cythera, a ilha de Venus, e Delos, a ilha de Apollo; falla do Alpheu e do Cephysio, do monte Helicon e das suas fontes Hippocrenne e Aganippe[1]; e a estas reminiscencias mythologicas junta as do Erymantho com o seu javali, de Neméa com o seu leão, e a menção do Parnasso, do Pindo e do Olympo (que hoje dizem *Lacha*), o qual não deve ser confundido com o seu homonymo de Anatolia que modernamente chamam *Kechich-Dagh*.

Se no poema se procuram noticias da Italia, vê-se (alèm do que já citámos) que o Camões não esqueceu as suas grandes divisões, não esqueceu Cannas, theatro da victoria de Annibal, nem Caudium, onde os romanos passaram pelo jugo, nem Mantua, a patria do

> ... vates cui virga dedit memorabile nomen
> Laurea;[2]

e tambem não olvidou a terra natalicia do celeberrimo Archimedes, e os sicilianos montes Eryx e Ethna, e os temiveis Carybdis e Scylla.

Na Asia menor, apresenta-nos a cordilheira do Tauro e as grandes regiões: a Cappadocia, a Cilicia, e a Lycia; na Phrygia, menciona Niza; na Lydia,

[1] Na *Carta da geographia dos «Lusiadas»* não veem incluidas estas fontes, (nem as Acidalia em Orkhomenes, e Arethusa na Sicilia) e mais algumas raras minuciosidades d'este genero que se encontram n'outras passagens do poema; deu motivo a isso a impossibilidade de indicar com precisão esses logares n'uma escala tão pequena.

[2] Verso de Calvo.

Colophonia, Smyrna, o Hermo e o Pactolo; na Mysia, Troia e Abydos e o monte Ida (Kas-Dagh), não deixando por isso de se referir ao outro Ida (Psiloriti) que se eleva em Creta. Não passou em silencio Rhodes com o seu collosso, Chios e Gnido, e Paphos em Chypre. Sem nos affastarmos, vemos a Armenia e a Colchida, a Sopphenia e a Georgia, os Heniochos, e o Phasis. D'alli, tomando ao sul, encontram-se ainda logares que o poeta nomeou ou aos quaes alludiu; Damasco e Tyro, Tiberiada e Samaria, o Jordão e Jerusalem. Afinal, olhando ao oriente vemos tambem paizes e logares a que ha no poema allusões directas ou indirectas; como a Gedrosia, a Carmania, a Persia, o Himâlaya, a cidade de Lara, o Hydaspes, e o Bactro.

Deixando de occupar-nos das muitas povoações portuguezas, mencionadas nos «Lusiadas», passemos agora, como ficou promettido, á exposição que faz Tethys ao descobridor do caminho da India.

Em Africa mostra a nympha o Monomotapa, que ella chama exactamente o Benomotapa, do nome d'um antigo chefe, o grande imperio

De selvatica gente, negra e nua;

mostra o rio famosissimo dos Pharaós, o Nilo, com suas mysteriosas nascentes; o Cuama; Sofala, defendida por Pedro Nhaia; os povos da Abyssinia, que seguiam o christianismo, como ainda ha poucos annos dizia fazel-o o célebre *negus* Theodoro: faz-nos ver as regiões do alto, do medio e do baixo Egypto; as cidades sobre o Mar Vermelho, Suez, a antiga cidade dos Héroas, Arquico e

Suanquem, Maçuá com suas cisternas; o cabo Guardafui, Socotorá e S. Lourenço; e Melinde, que déra ao Gama um caro e gasalhoso hospicio.

Se pouco mais alli nos diz com respeito á Africa, é que disseminara por todo o poema as menções de logares e povos, e muitas particularidades relativas áquella parte do mundo. Assim, abrindo o poema, encontramos já a grande e a pequena Syrte, já a gloriosa patria de Annibal e a ilha dos Lotophagos, a moderna Gerbi, onde Ulysses recebeu gasalhado; ora vemos Ceuta e Tanger, Arzilla e Alcacer-Seguer, Marrocos e Trudante, ora o Atlas e os montes Sete Irmãos e os rios Cynipho e Maluca.

A cada passo se proporciona ao poeta ensejo de nos fallar d'um logar notavel ou d'uma cidade famosa, quer antiga quer contemporanea sua: aqui lembra-se da senhoril Memphis, onde Anubis era adorado, e do Templo de Jupiter Amon, no deserto da Lybia; alèm recorda os Garamantes, que occupavam a Phazania (Fezzan), e allude ao Saharà; n'outros logares não deixa em silencio Azamor, nem Zafim onde o adail Lopo Barriga tantas proezas fez.

Bastam estes exemplos para mostrar que por todo o poema abundam as indicações historico-geographicas relativas á Africa; assim como já vimos que elle nol-as deu a respeito das outras partes do mundo.

Passando á Asia, faz Tethys primeiramente notar ao Gama o Sinai, onde Justiniano fundou o convento de Santa Catharina; a cidade de Toro e a de Giddá falta de fontes; proximo de Bab-el-Mandeb, a secca Aden confinando com a serra de Arzira

onde não chove; nota-lhe o resto da Arabia e suas divisões, suas importantes cidades, cabos e ilhas, Dofar, Fartaque, Roçalgate, Moçandão (o antigo Asabóro), Ormuz e Barèm. Não falla a nympha em Medina, nem na cidade onde estão as cinzas do fundador do islamismo, nos montes Nabatheios (...?), em Mascate, porque seria redundancia, tendo o poeta d'esses logares todos e d'outros muitos ja tractado.

Avançando pelo berço da humanidade, e como já fallára da Assyria e da Babylonia e d'outros povos da antiguidade, offerece-se-lhe agora o mencionar o Tigre e o Euphrates, os dois tão decantados rios da Mesopotamia; Lara e o cabo Jasque; a antiga Carmania, hoje o Kerman e o Laristan; em seguida o Indo; e logo

> ... a terra de Ulcinde fertilissima,
> E de Jaquete a intima enseada,

que se identificam com o Shindy e com o golpho de Cutch. Apresenta-nos a terra de Cambaya riquissima, e, deixando de citar as cidades da costa do Canará e do Malabar, de que já no mesmo canto e n'outros se occupára, faz-nos transpôr o Cambalão, esse passo que Duarte Pacheco defendeu, e segue direito ao cabo Comori, que nos faz dobrar, para abordar a Ceylão onde vemos o *Pico de Adão:* e d'ahi, tomando a direcção do norte, ao longo da costa de Coromandel, nos leva a Narsinga, e á cidade antiga de Meliapor, formosa grande e rica, a proposito da qual nos conta os milagres de S. Thomé e seu martyrio.

Fazendo-nos notar que já temos á vista o golpho de Bengala, conduz-nos logo a Orixa e de lá até ao Ganges, o rio sagrado dos Hindús. Depois, tomando para o oriente, percorremos Arracão, o Pegú com suas lendas, o extenso Sião, que começa em Tavai; Tenasseri, Quedá e Malaca, Cingapura, Pam, Patane, e o Menão; vemos o Laos, o reino d'Ava, e o imperio Birman; os Gueos (Ke-Moys?), antropophagos que se pintam com ferro ardente; e vemos tambem o Cambodje por onde passa o Mecom, esse rio para nós tão célebre, porque recebeu

... placido e brando
No seu regaço o canto, que molhado
Vem do naufragio triste e miserando
Dos procellosos baixos escapado,
Das fomes, dos perigos grandes...

Costeando successivamente Champá, e a Cochinchina vamos passar, pela enseada de Ainão, para o soberbo e enorme imperio chinez, que alli campêa com a sua muralha admiravel, e d'ahi avistamos o paiz, que fronteiro lhe fica, o Japão.

Faz-nos tambem, e como de razão, logo após a Asia, a enumeração dos principaes archipelagos e ilhas oceanicas: Bornéo, Sumatra, Java e as ilhas de Banda; Tidore, Ternate com o seu vulcão, Timor, e a Sunda: e dá-nos uma idéa da extensão da região maritima chamada hoje Oceano Pacifico, e da multiplicidade das terras que elle cérca, indicando-nos alli

As infinitas ilhas espalhadas.

Porfim, aponta-nos ao longe a America, a que

já n'outros logares alludiu, mostrando-nos o Brazil, e o Mexico na sua capital Temistitão, porque, conforme diz Tethys ao illustre Gama:

> ... é tambem razão, que no Ponente
> D'um lusitano um feito inda vejaes,
> Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
> Caminho ha de fazer nunca cuidado.

E assim nos váe guiando, pelo itinerario de Fernando de Magalhães, ao longo da terra de Santa Cruz, e da região austral onde os Patagões habitam, conduzindo-nos, por derradeiro, atravez do

> ... Estreito que se arreia
> C'o nome d'elle agora, o qual caminha
> Para outro mar a terra, que fica onde
> Com suas frias azas o Austro a esconde.

IV

## COMO O CAMÕES TRACTOU A GEOGRAPHIA ETNOGRAPHICA E ECONOMICA

> ... várias gentes
> Em ritos e costumes differentes.
>
> *Lusiadas*, x, 139.
>
> ... toda a provincia do mar grande
> Suas mercadorias ricas mande.
>
> *Lusiadas*, x, 123.

Assim como os poemas de Homero — particularmente a Iliada — nos apresentam com toda a exacção o horizonte geographico dos gregos dez seculos antes de Christo, assim a nossa epopêa nacional é, como já o apontámos, o fiel transumpto de todos os conhecimentos geographicos ao tempo do Camões. O grande serviço prestado pelo velho poeta, de quem septe cidades disputaram a honra de ter ouvido os primeiros vagidos, foi renovado pelo poeta portuguez, cujo berço ainda tambem não está averiguado qual fosse, nem por ventura se tirará a lume.

Como Homero, o Camões percorreu uma grandissima parte dos logares que descreve ou a que simplesmente se refere; mas ainda d'aquelles que

não visitou, nos dá seguras noticias. Tudo n'elle nos mostra o mais profundo saber alliado á mais subida inspiração: a precisão nas minuciosidades, o methodo na ordenação, a justeza e o rigor nos epithetos; competindo até n'este ultimo predicado com o velho poeta grego.

Effectivamente é riquissimo e perfeitissimo no emprego dos epithetos o pae da epopêa: quasi sempre uma unica palavra caracterisa um logar, uma região, um povo: Argos é fertil, Corintho é rica e Pylos arenosa; a Iolchos quadra a designação de soberba, a Dodona de fria, a Ithome de montanhosa: Tyrintho tem fortes muros, e Hypothebas formosas muralhas; Nissa é divina e Onkhestes famosa pelo bosque sagrado ao deus do tridente; Arethura é deliciosa, Cleone artisticamente edificada: em Helos vem quebrar-se as ondas do mar, e ao mar domina Antrona; Messé abunda em pombas, os plainos de Orkhomenes em rebanhos: chama aos Cephallenios magnanimos, aos Cicones bellicosos, altivos aos Rhodios; os Carios são barbaros de linguagem, e um guerreiro ardor anima os Phrygios.

Mas o Camões não póde ceder em cousa alguma ao cantor da cholera de Achilles e dos errores do manhoso ithaco. Não ha nos «Lusiadas» um só epitheto que não seja da mais escrupulosa exactidão.

Assim, (alèm do que se colhe das anteriores citações) depara-se-nos Orixa abastada em roupas, Bengala abundante, Malaca oppulenta, bellicosa e riquissima Cambaya; apparece-nos a illustrissima

Goa, a forte Diu, e Ormuz com os seus montes de sal; manifesta-se-nos a dura Arzilla e a fertil Quilôa; vemos Napoles inquieta e tambem vemos a fria Lappia e a inculta Noruega; finalmente, entre outras terras nossas portuguezas, notamos que o poeta qualifica Arronches de forte, e de fresca a Abrantes; chama nobre a Santarem, a Cesimbra piscosa, inclyta a Lisboa.

Para completar este rapido parallelo, sobre o ponto de que nos occupamos, entre o grande poeta da illustre Grecia, e o grande poeta do nosso heroico Portugal, apontaremos alguns exemplos da verdade com que elle caracterisa os povos, indicando sua indole, seus costumes ou suas qualidades physicas: sendo, assim, os Sopphenes molles, e os Cilicios atrozes; os Jáos valentes e os Malaios enamorados; feros os Persas e crueis os Cambaicos. Diz os Thracios de robusto peito, os turcos bellacissimos e duros; chamando barbaros aos mouros, aos hindús supersticiosos; e designando como anthropophagos os Gueus que, em nossa opinião, só podem identificar-se com os Ke-Moys. Tracta ainda de vis os Missios; e não olvida o designar como bebedores de sangue os Sarmatas, aos quaes, do mesmo modo que os Scythas a quem succederam, se attribue tão hedionda usança. E quando reconta das costas africanas, accode-lhe logo o fallar-nos do costume de tomarem os bois para se transportarem, do uso dos pangaios subtis, das embarcações velozes, estreitas e compridas, com suas vélas de esteira de folhas de palma, dos tostados e duros páus das azagaias, e de outras muitas particularidades

ainda, pintando-nos tambem as casas ligeiras e toscas onde os negros

> ... estão
> Sem portas confiados, em seus ninhos,
> Na justiça real, e defensão
> E na fidelidade dos visinhos.

Porèm, não é só na parte ethnographica que o grande poeta faz emprego dos epithetos proprios; encontramol-os em todo o decurso da sua obra, sempre claros e precisos; o que bastaria para nos attestar a finura extraordinaria do seu espirito e a sua vastissima erudição.

Interroguemos o Camões sobre os outros ramos da sciencia geographica; e comecemos pela parte geologica.

Diz-nos elle que essa ilha meio escondida, que de longe responde ao soberbo imperio chim,

> É Japão onde nasce a prata fina;

diz-nos tambem, com toda a verdade, ser

> O reino de Narsinga poderoso
> Mais d'ouro e pedras, que de forte gente:

do mesmo modo, referindo-se á America (cujo nome só n'uma das estancias omittidas se encontra, mas a que ha allusões em muitos logares do poema), não deixa de chamal-a

> ... a grande terra que contina
> Váe de Callisto ao seu contrário polo,
> Que soberba a fará a luzente mina
> Do metal, que a côr tem do louro Apollo.

Parece-nos, todavia, serem sufficientes estas cita-

ções para mostrar que ao nosso épico não escasseavam as noções da distribuição geologico-geographica: e vamos indicar algumas das passagens em que toca na fauna de varias regiões, antes de examinarmos o modo como elle tracta a geographia botanica, da qual se occupa muito largamente.

Na estancia 6 do quinto canto, depois de alludir ao deserto do Sahará,

> A terra a nenhum fructo emfim disposta,

falla-nos das avestruzes, essas aves da zona torrida, que

> ... no ventre o ferro gastam,
> Padecendo de tudo extrema inopia;

onde lembra o antigo erro que attribuia ao estomago d'aquellas brevipennas a faculdade de digerir tão dura materia.

Chama ás marthas zibellinas animaes de Moscovia, no que não quer dizer que ellas alli se cacem, mas sim que é lá onde se faz d'ellas maior commercio: e alludindo primeiro ao pequeno molusco *(Murex brandaris)*, pescado em Nisyra em Gyaros e n'outros logares, de que os tyrios tiravam a mais bella purpura tão estimada dos antigos; pouco depois, na oitava 99 do segundo canto, menciona outro murice (*Murex cornutus*) que se encontra no Oceano Indico.

Sem nos determos a examinar as mythologicas reminiscencias do eruditissimo poeta, quando nos falla dos *alcyons* e dos *delphins*, e dizendo apenas que

elle não se esqueceu de mencionar os *feios phocas* do mar Austral, notemos como elle caracterisa esses tão apreciados corceis, que vem da Arabia

> ... para a guerra
> Ligeiros e ferozes, d'alta raça:

apontemos na estancia 132 do decimo canto os seguintes versos:

> Vê Tidore e Ternate...
> Aqui ha as aureas aves, que não descem
> Nunca á terra, e só mortas apparecem;

onde nos falla das tão formosas *aves do paraizo*, ácerca das quaes vogára a fabula de que não tinham pés, devida á pratica adoptada pelos indigenas, de arrancar taes membros a estas aves antes de as venderem aos europeus.

E, por ultimo, para se não dizer que deixava no silencio as producções animaes, manda vêr a Sumatra

> ... que, tendo quanto as outras tem,
> Branda seda e fino ouro dá tambem:

assim como nos mostra

> ... a ilha Barèm, que o fundo ornado
> Tem das suas perlas ricas e imitantes
> A' côr da Aurora.

Passemos agora ao ramo de geographia economica, em que o Camões se alargou e distinguiu mais; a flora, da qual tinha um extenso e perfeito conhecimento.

Não pretendendo, porèm, estudar a florá do nosso poema nacional—o que demais a mais já foi executado por um distincto academico,[1]—limitar-me-hei a apresentar algumas citações que mostram não só a exactidão da distribuição geographica dos vegetaes feita pelo Camões, senão tambem os grandes conhecimentos que tinha da natureza das plantas.

Alludindo, na estancia 88 do quinto canto, aos errores do fraudulento Ulysses, menciona uma planta célebre, o loto, pelos arabes chamado *sidr* e pelos botanicos *Rhamnus lotus*, que na antiguidade servia de alimento aos habitantes da costa da pequena Syrte (Golpho de Cabes) e da ilha de Meninx, cuja actual denominação já atraz dissemos, valendo aos seus consumidores o nome de Lotophagos.[2] Hoje, porèm, segundo respeitaveis testimunhos, já esta aquatica planta se não encontra n'aquella região.[3]

Fallando de Dofar, na Arabia, diz-nos com toda a exactidão que ella é

> ... insigne, porque manda
> O mais cheiroso incenso para as aras:

tambem nos diz de Timor (e é digno de notar-se como cada epitheto, cada breve descripção se ajusta

---

1 *Sr. conde de Ficalho*, A Flora dos Lusiadas: Lisboa, 1880.
2 *Homero*, Odysséa, l. IV, v. 604.
3 A especie de loto, que os antigos egypcios empregavam como alimento, era o nénufar rosa *(Nymphaea nelumbo)*. Ainda hoje outros povos, e nomeadamente os fellahs dos arredores de Damietta e os habitantes do Nilo Azul consomem a *Nymphaea lotus* e a *Nymphaea cerulea*.

singularmente á natureza da substancia), que esta ilha

> ... o lenho manda
> Sandalo, salutifero e cheiroso;

e, ao assignar-lhe a situação defronte do Roxo estreito, não perde a occasião de celebrar a ilha de

> Socotorá, c'o amaro áloe famosa.

Ainda na magnifica exposição da formosa nympha ao heróe portuguez, se nos depára avultado numero de passagens notabilissimas que teem cabimento aqui, e que são admiravelmente exactas e bellas. Indica-nos

> ... Quedá, que é só cabeça
> Das que pimenta alli têm produzido;

e as remotas ilhas de Banda, onde saltam aves variadas, e que

> ... se esmaltam
> Da vária côr que pinta o roxo fructo,

que é a *noz muscada*, a que se refere ainda n'outros logares. Tendo-nos dado na Africa o algodão com que as negras teciam os pannos delgados para cingir a cabeça e os vestidos (c. I, est. 47 e c. V, est. 76); dá-nos egualmente na Arabia a *myrrha*, e em Sumatra o benjuin, como se vê d'estes deliciosos versos da estancia 135 do decimo canto:

> Vê n'aquella que o tempo tornou ilha,
> Que tambem flammas trémulas vapora,
> A fonte que oleo mana, e a maravilha

Do cheiroso licor, que o tronco chora;
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cyniras na Arabia, onde ella mora.

Celébra tambem Bornéo, a grandissima ilha do Grande Oceano

... onde não faltam
Lagrymas, no licor coalhado e enxuto
Das arvores, que camphora é chamado,
Com que da ilha o nome é celebrado;

pintando com tanta perfeição, com termos tão apropriados, o modo como a massa aromatica, apparecendo nas fendas da madeira, se solidifica em pequenas gottas.

Conta-nos egualmente, conforme no seu tempo se acreditava, que

Mas ilhas de Maldiva nasce a planta
No profundo das aguas soberana,
Cujo pomo contra o veneno ardente
É tido por antidoto excellente.

Falla aqui do chamado *coco do mar* ou *coco das Maldivas*, o fructo d'uma especie de palmeira corpulenta, o *Lodoicea Seychellarum,* Labill., que habita um espaço muito restricto, pois só se encontra no grupo das ilhas d'onde lhe procede o nome, e em poucas mais. Os cocos d'essas palmeiras caindo ao mar, e sendo levados para o Oriente pelas correntes oceanicas, e pelas monções, eram recolhidos em várias regiões e principalmente nas Maldivas. Não vendo a arvore que o produzia, naturalmente o julgavam creado no fundo das aguas: ao mesmo passo o consideravam como antidoto.

Nota-nos tambem que nas ilhas de Moluco, em Tidore e Ternate, se encontram

... as arvores... do cravo ardente
C'o sangue portuguez inda compradas;

e aponta-nos em Tsiampá o *lenho aloes,* o perfume tão celebrado na antiguidade e na edade média, quando diz:

Vês, corre a costa que Champá se chama,
Cuja mata é do páu cheiroso ornada.

Nem deixou no esquecimento Ceylão, rica e illustre pela canella, que ora nomeia, ora designa por

... cortiça calida cheirosa:

e, para se vêr que nenhuma particularidade lhe escapava, ao retratar-nos o Samorim potente, na audiencia que deu ao Gama, allude ao *betle* quando diz que ao radjah

... um velho reverente,
C'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.

Finalmente, para que no vasto quadro do mundo toda a região fosse representada por seus productos, menciona no americano continente o páu *brazil,* apontando-nos a

Parte tambem c'o páu vermelho nota,

a qual devia receber o nome de Santa Cruz.

A synopse, que acabamos de apresentar n'este capitulo, põe em evidencia os vastissimos conhecimentos que o grande poeta possuia sobre a geographia ethnographica e economica, que elle approveitou tão bem para embellezar o seu poema.

V

## O ITINERARIO DE VASCO DA GAMA

> Entre tormentas tristes e bonanças,
> No largo mar fazendo novas vias,
> Só conduzidos de arduas esperanças.
>
> *Lusiadas*, v, 66.

A famosa viagem de Vasco da Gama tem o seu mais bello roteiro na epopêa das nossas glorias; e assim, ainda que houvesse a lamentar a perda das relações publicadas pelo veneziano Ramusio e da attribuida a Alvaro Velho, não nos ficaria desconhecida a exacta derrota do grande capitão em demanda do Oriente.

E, para maior interesse da narrativa, e sua maior belleza, é o proprio navegante quem ao rei de Melinde conta circumstanciadamente os successos da sua longa viagem.

Se a relação do veneziano é curiosa e a de Alvaro Velho tem uma attrahente ingenuidade, n'aquella que o Camões faz proferir ao seu heróe ha toda a épica grandiosidade da empreza por elle

mesmo executada, toda a eloquencia que um tal assumpto requeria.

Se o que nós acabamos de dizer só na leitura completa da narração do Gama se pode perfeitamente apreciar; é tambem verdade que, para lhe seguir o itinerario e julgar da exactidão das noções geographicas que nos dá, bastarão algumas citações annotadas.

Vasco da Gama, depois de descrever ao *alto mouro* toda a Europa, como vimos; depois de lhe ter historiado os grandes feitos da patria, amenisando-os de episodios, como o da filha de Affonso IV, tão mimoso, como o da linda Ignez de Castro, tão melancholico, e como o do Condestavel, ou da batalha d'Aljubarrota, tão energico; depois de lhe haver pintado os aprestos da partida, as commoções da despedida, e repetido as profundas sentenças do *velho honrado* da praia do Restello, Vasco da Gama começa de lhe contar a sua viagem, dando-lhe, como convinha, a data do inicio d'ella, 8 de julho de 1497:

> Entrava n'este tempo o eterno lume
> No animal Nemeio truculento,
> E o mundo, que c'o tempo se consume,
> Na sexta edade andava enfermo e lento:
> N'ella vê, como tinha por costume,
> Cursos do Sol quatorze vezes cento,
> Com mais noventa e sete, em que corria,
> Quando no mar a armada se estendia.

Assim indica os principios de julho, precisando logo em seguida o anno. Pelo que respeita á sexta edade, naturalmente a faz começar no nascimento de Christo; porèm quaes as edades anteriores que elle contava, é o que se não poderá averiguar.

(Leia-as em Fernão Lopes. Cr. D. João I. 1ª parte - Cap. CLXIII.)

Váe depois o heróe dizendo como foram a pouco e pouco perdendo de vista os montes da patria, o caro Tejo e a fresca Cintra, a amada terra onde lhes ficavam os corações, até que ella de todo se escondeu, e não viram mais que o mar e o céo. E logo accrescenta:

> Assi fomos abrindo aquelles mares
> Que geração alguma não abrio,
> As novas ilhas vendo, e os novos ares,
> Que o generoso Henrique descobrio;
> De Mauritania os montes e logares,
> Terra que Antheo n'um tempo possuio,
> Deixando a mão esquerda; que á direita
> Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

Passam a ilha da Madeira, que deveu o seu nome ao muito arvoredo: costeam a região esteril aonde os Azenegues conduzem seus rebanhos e que denomina Massylia [1]: atravessam o tropico de Cancer,

> ... o limite aonde chega
> O Sol, que para o norte os passos guia:

e vêem a embocadura do Senegal e o Cabo Verde, o antigo Arsinario; e assim como tinham passado as Canarias, vão passar pelas antigas Hesperides, as ilhas fronteiras áquelle cabo, a que devem o nome actual, aportando á de Sant'Iago, o patrono das Hispanhas.

Proseguindo, faz o Gama a enumeração das terras africanas que teria visto, se a sua derrota hou-

[1] O Camões quer evidentemente designar o Sahel, a parte do Sahará comprehendida entre o cabo Bojador e o cabo Branco, e porventura tambem o Adrar.

vera sido costeira; falla da provincia Jalofo, de Mandinga, do Gambea; falla das Dórcadas (Bissagos?), da Serra Leôa, do Zaire e da região que elle banha, e allude á ilha de S. Thomé.

Não se esquece, todavia, de notar que deixara essas terras, para se metter no grandissimo golphão, virando sempre para o sul a aguda prôa; transpondo d'este modo o equador, descobrindo a *Cruz do Sul*, e vendo

> ... as Ursas, apezar de Juno,
> Banharem-se nas aguas de Neptuno.

É n'este ponto que se encontra uma das mais bellas e mais exactas descripções que jámais se fizeram. Parece que o Camões incluindo nos «Lusiadas» tantas noções dos differentes ramos da geographia, não quiz deixar de fallar da parte meteorologica; pondo, assim, ante nossos olhos um dos mais grandiosos espectaculos que os phenomenos atmosphericos nos podem apresentar.

Depois de alludir ás noites tenebrosas, e ás tormentas, aos mil casos do mar, e ao fogo de Santelmo, descreve o capitão n'estes termos esse meteóro terrivel chamado *tromba-maritima* (c. v, est. 18 a 22):

> Vi, claramente visto, o lume vivo
> Que a maritima gente tem por santo,
> Em tempo de tormenta e vento esquivo,
> De tempestade escura e triste pranto.
> Não menos foi a todos excessivo
> Milagre, e cousa certo de alto espanto,
> Ver as nuvens do mar, com largo cano,
> Sorver as altas aguas do Oceano.

Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho e subtil fumo
E, do vento trazido, rodear-se:
D'aqui levado um cano ao pólo summo
Se via, tão delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia:
Da materia das nuvens parecia.

Ía-se pouco e pouco accrescentando,
E mais que um largo mastro se engrossava:
Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
Os golpes grandes de agua em si chupava.
Estava-se co'as ondas ondeando;
Em cima d'elle ua nuvem se espessava,
Fazendo-se maior, mais carregada
C'o cargo grande d'agua em si tomada.

Qual roxa sanguesuga se veria
Nos beiços da alimaria, que imprudente
Bebendo a recolheo na fonte fria,
Fartar c'o sangue alheio a sêde ardente:
Chupando mais e mais se engrossa e cria;
Alli se enche, e se alarga grandemente:
Tal a grande columna, enchendo, augmenta
A si e a nuvem negra que sustenta.

Mas depois que de todo se fartou,
O pé que tem no mar a si recolhe,
E pelo céo chovendo emfim voou;
Porque co'a agua a jacente agua molhe:
A's ondas torna as ondas que tomou,
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sabios na escriptura,
Que segredos são estes da natura!

Pode qualquer physico dar uma descripção d'este phenomeno terrivel, empregando a apropriada technologia, mas ninguem a fará mais exacta, embora use d'uma prolixidade impertinente.

Continuando, conta o Gama como, cinco mezes depois da partida de Lisboa, desembarcaram na

angra de Santa Helena situada alèm do tropico do Capricornio; e dá muitas noticias da terra, da gente d'ella, e do que alli succedeu aos navegantes, particularmente ao eusado aventureiro Fernão Velloso.

É a 22 de novembro de 1497, isto é, cinco dias depois de partirem da angra, que chegam ao Cabo Tormentorio, ao Adamastor, cujo tom de voz faz arripiar as carnes ao proprio capitão, ao Adamastor que tantos males prognostíca aos futuros navegadores, em vingança da ousadia do heróe que o arrostra, dos portuguezes que o descobriram.

Em seguida ao episodio mais admiravel de quantos o Camões inseriu nos «Lusiadas», prosegue o Gama sua narrativa, dizendo que tomaram pela segunda vez a terra, na angra de S. Braz, e que tendo passado o ilheu da Cruz e tentando entrar no canal de Moçambique, a corrente maritima lh'o impediu, obrigando-os para traz, até que por fim aproveitando bons ventos a venceram. Falla tambem do rio dos Reis, onde tomaram porto no dia que lhe deu o nome, e do rio dos Bons Signaes, onde elevaram um padrão.

Diz em seguida como a doença mais crua e fétida lhe devastou a marinhagem; lembra as suas paragens em Moçambique e Mombaça, de cujos habitantes só tem a queixar-se; e finda a sua narrativa agradecendo ao rei de Melinde o acolhimento e agasalho que lhe fez.

Se quizermos ainda acompanhar a Vasco da Gama no restante da sua derrota para a India, levando um piloto que lhe mostra a navegação certa, te-

mos de ir tomar no sexto canto a estancia 6, onde o poeta diz que os portuguezes

> As ondas navegavam do Oriente
> Já nos mares da India;

temos de ir vêl-os na estancia 38 proseguindo a longa rota, e na oitava 92 enxergando a terra de Calecut, aonde, no começo do canto immediato, aportam finalmente.

Da viagem de retorno pouco nos falla o poeta, que pouco tinha a dizer, para não cair em redundancia. Vemos apenas (c. IX, est. 16) as náus apartadas da ardente costa, e inclinando ao sul, commetterem outra vez o mar incerto; e mais adeante (est. 51) vemos tambem como

> Cortando vão as náus a larga via
> Do mar ingente para a patria amada,
> Desejando prover-se de agua fria
> Para a grande viagem prolongada:
> Quando juntas, com subita alegria,
> Houveram vista da ilha namorada,
> Rompendo pelo céo a mãe formosa
> De Memnonio, suave e deleitosa.

Eis-nos na ilha namorada, cuja situação geographica tão controvertida tem sido.

Da leitura do formoso episodio resulta ficar o nosso espirito perplexo sobre se o Camões quiz ou não identificar a *ilha de Venus, dos amores*, ou *dos namorados* (que por todos estes nomes a podemos designar), com alguma ilha real, e ainda se a deusa do amor a levava pelas ondas do Oceano Indico, se pelas do Atlantico.

Como se vê, é dupla esta questão: duas partes

distinctas a compõem, mas partes intimamente ligadas; e não se poderá tractar d'uma sem se attender á outra.

Teem identificado a famosa ilha com Santa Helena, e parece ser a mais antiga opinião esta, pois já Manuel Corrêa d'ella falla a folhas 250 do seu Commentario. Vem depois Faria e Sousa, que opta por que seja a ilha d'Anchediva: Gomes Monteiro assigna-lhe a correspondencia a Zanzibar: e houve já até quem quizesse vêl-a na ilha Terceira.

Começando por dizer que não acho grande importancia n'esta questão, por estar convencido de que a ilha de Venus foi apenas uma ficção maravilhosa do Camões; não posso todavia deixar de confessar que, no caso de identificação com uma ilha verdadeira, seguiria a opinião d'aquelles que a fazem corresponder á de Zanzibar; porque como da narração se deprehende e como Gomes Monteiro o provou, a situação da ilha só pode admittir-se no Oceano Indico; e, por outro lado, se, como diz um auctor que já citámos, o Camões «falsêa premeditadamente todas as regras da geographia botanica, e colloca sob o sol ardente dos tropicos flores que ahi murchariam em algumas horas»[1], bem natural parece que o poeta levasse mais adeante a falsidade, prestando á flora de Zanzibar algumas plantas que por sua applicação classica não podiam faltar n'uma ilha onde a deusa da formusura e do amor queria hospedar os seus protegidos. E prefiro a identificação da ilha a Zanzibar, á sua localisação

[1] *Sr. Conde de Ficalho,* op. cit. pag. 46.

em Anchediva, porque esta ultima não apresenta o aspecto magnifico que o cantor portuguez nos mostra na *ilha namorada*, com os seus tres formosos outeiros, as suas claras fontes, e a sua opulenta vegetação.

Repito, porèm, que em minha opinião a Ilha dos Amores foi mera ficção do grande poeta, de certo despertada pela lembrança da ilha fluctuante de Eolia,[1] aonde Homero imaginou ter o heróe da *Odyssêa* sido recebido e presenteado, pelo deus dos sopros, com odres cheios de ventos que deviam leval-o á sua patria.

Presenteados tambem por Tethys com *refresco e nobre mantimento*, largaram os *segundos Argonautas* da ilha, e foram cortando o mar até que

Entraram pela foz do Tejo ameno.

Termina aqui naturalmente este breve ensaio sobre a geographia dos «Lusiadas»; parecendonos comtudo ficar exuberantemente demonstrado que o Camões tinha profundado muito a complexa sciencia da *Terra*.

Elle comprehendia perfeitamente que a geographia não consiste só na enumeração dos paizes e das cidades, na indicação das montanhas e dos rios, nem mesmo nas mais recentes informações colhidas sobre o globo; mas que ella é verdádeiramente a reunião de todas as noticias que se possam obter

[1] Tambem se tem querido identificar esta ilha com a Stromboli, ou qualquer outra das ilhas Lipari; como a *Panchaia* com Socotorá; e a *Ogygia* com Malta ou Pantellaria.

sobre as differentes regiões da terra, sobre sua configuração e seu relevo, ácerca do seu clima, producções e habitadores, em summa, o conjuncto de todos os conhecimentos que fôr possivel adquirir sobre estes objectos desde as mais romotas edades; em razão das mudanças e das transformações que de contínuo se estão dando, e das gerações que sem cessar se produzem.

O grande genio do Camões, ajudado da sua erudição vastissima, levantou aos triumphos da nação portugueza o mais bello monumento, um d'esses monumentos mas duradouros que os marmores e os bronzes, que atravessam os seculos, incolumes na sua grandeza e perfeição: porque as nacionalidades transformam-se, desapparecem, mas as cousas que se escrevem em honra da patria são perduraveis, eternas.[1]

Desejára eu que a leitura da nossa epopêa nacional se tornasse obrigatoria nas escolas. Lendo e aprendendo as creanças, sob a mais formosa das fórmas, os feitos gloriosos dos próceres, ellas iriam ao mesmo tempo adquirindo muitos e variados conhecimentos: e em breve toda a nação repetiria as oitavas dos «Lusiadas», como os gondoleiros de Veneza repetem as estancias da «Gerusalemme Liberata». Isto, longe de ser uma profanação do poema, ser-lhe-hia uma consagração.

Nós, que nos honramos com o nome de portuguezes, nós que temos um retrato tradicional do

---

[1] **Quae verò pro patria scribantur aeternae sunt.**

*Vegecio.*

Camões, como ha uma effigie tradicional do Christo, nós que pegamos com respeito n'um exemplar da primeira edição dos «Lusiadas», porque é possivel elle houvesse sido tocado pelas mãos do emminente poeta, nós que estamos acostumados a considerar Luiz de Camões como um typo do homem dedicado, do cavalheiro brioso, do patriota extremado, do grande cidadão, nós todos devemos sagrar uma perenne apotheose

A quem nos fez cantando gloriosos!

FIM

# NOMES GEOGRAPHICOS DOS «LUSIADAS» [1]



---

[1] **Em italico os nomes a que apenas ha referencia no poema. Os numeros romanos indicam os Cantos; a numeração arabe designa as Estancias. E. O. I ou II quer dizer ESTANCIAS OMMITTIDAS, *primeiro* ou *segundo manuscripto*.**

**Não se incluiram n'esta lista os differentes nomes patronimicos e outros por que o Camões designa alguns povos. É obvio o motivo d'isso.**

[1] Durante muito tempo se crêu na existencia d'um lago denominado *Chiamai*, do qual derivavam o Mei-Nan. Chiamai é uma cidade do Laos.

[1] Ilha fabulosa onde reinava Calypso. Tambem se deu este nome á Attica e á Beocia.

[2] Ilha fabulosa, que se dizia ter sido descoberta por Evhemero na costa N. E. da Africa.

# INDICE

